DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

ReDoC Revista Docência e Cibercultura

MUSEU DA VIDA FIOCRUZ E COVID-19: EDUCACÃO, CIÊNCIA E CULTURA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE

MUSEU DA VIDA FIOCRUZ AND COVID-19: EDUCATION, SCIENCE AND CULTURE IN HEALTH PROMOTION

MUSEU DA VIDA FIOCRUZ Y COVID-19: EDUCACIÓN, CIENCIA Y CULTURA EN PROMOCIÓN DE LA SALUD

Maria Paula de Oliveira Bonatto[1]
Bianca Santos Silva Reis[2]
Priscilla Abrantes da Silva[3]
Suzi Santos de Aguiar[4]

RESUMO

Nesse relato produzimos reflexões sobre o histórico do Museu da Vida Fiocruz no campo da promoção da saúde, abordando conceitos centrais e as características da conjuntura social que enfrentamos durante a pandemia. Destacamos as diferentes estratégias educativas desenvolvidas durante os dois anos de pandemia (2020-2021) trabalhando remotamente. Apontamos também aprendizados e desafios enfrentados pela equipe de educadores do museu no contexto da realidade brasileira. Entendemos que conseguimos superar e reforçar os aspectos positivos, mantendo o trabalho educativo a partir da rede de afetos que construímos, mesmo à distância, que acolheu e deu suporte a todas e todos da equipe para que o trabalho continuasse a ser desenvolvido com qualidade para todos os públicos, mesmo em face das adversidades.

PALAVRAS-CHAVE: Museu da Vida; divulgação e popularização da ciência, promoção da saúde; pandemia

Submetido em: 03/01/2022 – **Aceito em**: 24/08/2022 – **Publicado em**: 23/09/2022

[1] Bióloga, Mestre em educação, Doutora em Saúde Pública, coordenadora do Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz.
[2] Pedagoga, Mestre em Educação, Especialista em Acessibilidade, Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz, Seção de Formação.
[3] Geógrafa, Mestre em geografia, Especialista em Educação Básica, Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz, Núcleo de Desenvolvimento de Públicos, Ações Territorializadas.
[4] Historiadora, Mestre em Divulgação e Popularização da Ciência, Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz, Seção de Ações Educativas.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

ReDoC Revista Docência e Cibercultura

ABSTRACT

In this paper, we produce reflections on the history of the Museum of Life Fiocruz, in the field of health promotion, addressing central concepts and the characteristics of the social situation we faced during the pandemic. We also discuss educational strategies developed during the two years of the pandemic (2020-2021) working remotely. We also point out lessons learned and challenges faced by the museum team of educators and students in the context of the Brazilian reality. We understand that we managed to overcome difficulties and reinforce the positive aspects such as keeping the educational work and network of affections that we have built, even being far apart. These aspects welcomed and supported everyone on the team so that the work continued to be developed with quality despite the adversities.

KEYWORDS: Museum of Life; scientific dissemination, popularization of science, health promotion; pandemic

RESUMEN

En este texto producimos reflexiones sobre la historia del Museo de la Vida Fiocruz en el campo de la promoción de la salud y abordamos conceptos centrales y las características de la situación social que enfrentamos durante la pandemia. También discutimos las diferentes estrategias educativas desarrolladas durante los dos años de la pandemia (2020-2021) trabajando de forma remota. También señalamos lecciones aprendidas y desafíos enfrentados por el equipo de educadores del museo en el contexto de la realidad brasileña. Entendemos que logramos superar y reforzar los aspectos positivos mantenendo el trabajo educativo a partir de la red de afectos que construimos incluso desde la distancia que acogió y apoyó a todos los integrantes del equipo para que el trabajo se siguiera desarrollando con calidad a pesar de las adversidades.

PALABRAS CLAVE: Museo de la Vida; divulgación científica, promoción de la salud; pandemia

INTRODUÇÃO

O presente artigo está construído sob a perspectiva do lugar da cultura como fonte e espaço de promoção e produção da saúde, principalmente em tempos de pandemia. Somos o Museu da Vida (MV) Fiocruz, um dos poucos equipamentos públicos educativos brasileiros que associa ciência, cultura e saúde. A nossa missão é "Despertar o interesse e promover o diálogo público em ciência, tecnologia e saúde, e seus processos históricos, visando à promoção da cidadania e à melhoria da qualidade de vida." (MUSEU DA VIDA, 2018, p.22). Estamos situados na periferia da cidade do Rio de Janeiro, inseridos em uma região onde predominam favelas e seus moradores que, marcados pelas desigualdades, sabedorias e histórias de resistência, lutam pela vida, diante de uma realidade que se mostra cada vez mais voltada para a reprodução dos valores de mercado e para uma cidadania restrita ao consumo. Nesse contexto ensaiamos um olhar para o enfrentamento da COVID-19 no Rio de Janeiro, como um fenômeno de produção de intensas transformações sociais não apenas considerando a saúde, mas, em especial a ciência e a cultura a ela associadas.

Para construir essa reflexão partimos das seguintes referências:

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

- Um olhar para o histórico conceitual que caracteriza a promoção da saúde[5] como prática educativa da Fiocruz, uma instituição pública nacional cuja missão está voltada para a produção científica e de inovações em apoio ao Sistema Único de Saúde (SUS) e que desde 1999 abriga o Museu da Vida;

- O destaque ao processo dialético das contradições sociais associadas à pandemia COVID-19, tanto estruturais quanto específicas, e que têm influência direta sobre a produção de atividades educativas no Museu, estando, como cultura, exposto à uma conjuntura de hegemonia do capitalismo monopolista mundializado (CHESNAIS, 2005);

- A relevância do campo do trabalho considerando o âmbito da educação não formal desenvolvida no Museu da Vida e seus desafios diante da necessidade de produção da saúde coletiva em período de pandemia.

Assim, nossa intenção é discutir, sem esgotar, limites e possibilidades associados ao momento atual marcado pela degradação da saúde e por doenças virais emergentes diante das configurações socioambientais que a sociedade vem forjando ao longo do tempo. A ideia é refletir sobre como essas condições se traduzem na pandemia da COVID-19, evidenciando as respostas que temos construído diante dos desafios que se apresentam para a sociedade como um todo e em especial para nós educadores de museus.

Museu da Vida: um aparelho cultural herdeiro da educação popular no campo da saúde

A Fundação Oswaldo Cruz tem sua trajetória marcada por ações educativas de formação nos mais diversos campos. Destacamos aqui o incentivo à formação em ciência, uma construção contínua que nasce do trabalho de pesquisadores e estudantes do Instituto Soroterápico Federal que, no início do século XX, seguindo os fundamentos de Pasteur, foram buscar os problemas da ciência nos lugares onde o povo está. Assim, esses pesquisadores assumiram a importância de se desenvolver missões sanitárias e expedições científicas pelo interior do país, cujos relatos e documentações exerceram grande influência na construção de políticas públicas de saúde do

[5] O conceito de "promoção da saúde" surge no Canadá a partir do Relatório Lalonde, (LALONDE, 1974), primeiro relatório governamental a reconhecer que é preciso melhorar a saúde da população e não apenas trabalhar para evitar o aparecimento de doenças. A proposta é que para se produzir saúde deve-se sair do modelo biomédico estrito e se investir em diversas frentes, como o ambiente, alimentação, moradia, trabalho entre outros, incluindo o estilo de vida. A promoção da saúde valoriza a capacidade dos indivíduos e das comunidades para transformar suas vidas e viver melhor, tanto física como psiquicamente, dando importância às ações equitativas, ou seja, prioritariamente voltadas para populações de maior risco (BUSS HEIDMANN, 2006).

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

Brasil (CASA DE OSWALDO CRUZ, 2014). Há que se ressaltar que o período também estava imerso no dinamismo desenvolvimentista pré-primeira guerra mundial que impulsionava a interiorização e ratificação das fronteiras no país. Esses processos históricos também evidenciam como a pesquisa e serviços de saúde contribuíram para a construção da consciência da diversidade cultural que nos constitui como povo, bem como apontaram a importância de dirigirmos olhares e ações sanitárias, por meio de políticas, para todas as populações nas diversas condições e ecossistemas de nosso território.

Fig. 1: Belizário Pena (na rede à direita) em atendimento médico a populações do campo na região de Lages no Piauí, em 1912.

Fonte: Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

As iniciativas desses pesquisadores sempre foram acompanhadas de um extremo cuidado com a construção de um patrimônio que foi sendo recolhido por meio de documentos, fotos e objetos que hoje integram acervos culturais e educativos que materializam as interfaces entre história da saúde, ciência e cultura brasileiras, sob a guarda da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz. Desde então os caminhos da pesquisa em saúde foram marcados por conhecimentos compartilhados em exposições nacionais e internacionais que contribuíram para a construção de referências de um Brasil voltado para as potencialidades do campo das pesquisas biológicas e em saúde, para além das contradições de nossa tradição colonial e escravista.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

Fig. 2 e 3: Aspectos da Exposição Internacional de Higiene em Dresden, Alemanha, 1911, mostrando o stand do Brasil, com maquetes e soluções expográficas organizadas por pesquisadores da equipe de Oswaldo Cruz.

Fonte: Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

Mais tarde, na década de 1970, em meio à ditatura civil-militar, trabalhadores da saúde herdeiros dos processos iniciados pela equipe de Oswaldo Cruz, participaram dos esforços das populações das periferias do Rio de Janeiro e de outras cidades e regiões do Brasil pelo direito à saúde, por meio das diversas iniciativas de associações de moradores, Comunidades Eclesiais de Base, sindicato dos médicos, dentre outros (SANTOS, 2004; PAIVA & TEIXEIRA, 2014). Essa vivência de integração entre trabalhadores da saúde e movimentos sociais, foi profundamente influenciada por educadores como Paulo Freire que, na época, compartilhava sua proposta de educação dialógica a partir dos círculos de cultura e de rodas de conversa. Essas, também apontaram a necessidade de se transformar a realidade e os serviços de saúde em nosso país. Esse processo, embalado por uma variedade de saberes e práticas culturais populares, ficou conhecido como Reforma Sanitária, que culminou na organização de uma política pública de saúde universal cuja aplicação hoje é observada em âmbito mundial: o Sistema Único de Saúde brasileiro - SUS. O SUS se consolidou na Constituição de 1988 (BRASIL, 1988), que legisla a saúde de qualidade como dever do Estado e um direito para toda a nação brasileira, detalhado na Lei 8.080 (BRASIL, 1990). O documento também aponta que há processos de determinação social da saúde que estão muito além dos serviços de saúde em si, ou seja, as condições de vida e trabalho que se traduzem em acesso à alimentação de qualidade, acesso à moradia em condições dignas, à educação, cultura e espaços de lazer, ao saneamento básico (coleta de lixo, distribuição de água e tratamento de esgotos), às diversas formas de organizações sociais, entre outras. Essas condições são hoje diretamente associadas à noção de promoção da saúde sendo conhecidas como os Determinantes Sociais da Saúde ou DSS (BUSS E PELEGRINI FILHO, 2007).

Determinação socioambiental da saúde em um mundo globalizado

É necessário esclarecer que a promessa do SUS como uma política social de amplo espectro, que propõe uma saúde integral, humanizada e de investimento equânime, ainda hoje faz parte de um campo de lutas por sua concretização. Nesse sentido, há enormes retrocessos no interior de uma sociedade onde o capital avança como alavanca de um Estado ampliado, no qual o mercado financeiro e os grandes monopólios da indústria química, farmacêutica e de planos privados de saúde disputam cada centavo do dinheiro público. Essa, é uma tentativa de síntese do que se tornou o Estado neoliberal a partir da década de 1980. Esse, foi um período de redemocratização pós ditadura, e que desde então tem aprofundado suas características de privatização voltada para os interesses do mercado, principalmente a partir da década de 1990. Nesse Estado,

> Os critérios de universalidade que caracterizam os serviços públicos entram em disputa ideológica com os preceitos da administração privada e, nesse sentido, percebe-se que há uma "colonização" do público pelo privado, sob a alegação da incompetência do público. Assim, [...] vão se erodindo por dentro as instâncias de

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

> controle do sistema público de forma a abrir caminhos em seu interior para a livre atuação dos interesses liberais e individualistas. (BONATTO, 2012:289)

O Estado neoliberal que se implantou no Brasil a partir da mundialização do capital se caracteriza por: uma **democracia "consentida"** (SANTOS, 2007) que se expressa nas amarras de uma participação cerceada e pela crença de que os conflitos podem ser ignorados pela consolidação de uma "terceira via" de orientação neoliberal; pelo **individualismo como valor moral radical**, o que pode ser observado no incentivo à cultura da meritocracia e de uma sociedade cada vez mais competitiva e violenta; e por uma **sociedade civil ativa** – que é permanentemente incentivada a se responsabilizar por aplacar, pelo voluntariado, os prejuízos sociais que se sucedem a partir das orientações neoliberais incluindo a ausência ou destruição de políticas sociais (MARTINS, 2009; BONATTO, 2012). No campo das políticas públicas brasileiras esse processo se aprofunda, em especial a partir de 2016, consolidando o desinvestimento em educação e saúde, e a desconstrução sistemática da estrutura estatal de proteção social. Essa perspectiva histórico política é central para se compreender o contexto em que a COVID-19 se instala no Brasil, em meio a processos de globalização da economia que pressionam nossa realidade nacional e local.

Buss (2007) já apontava, a partir da epidemia do SarsCov, as relações entre globalização e doença indicando que, antes da COVID-19, já era expressivo o desinvestimento em saúde em países que mais necessitam: "Os países menos desenvolvidos gastam em média 11 dólares ***per capita*** por ano, contra 241 dólares em países de renda média-alta e ao redor de 2.000 dólares em países de renda alta" (BUSS, 2007, p.1579). O autor cita ainda a transnacionalização das doenças tanto novas como reemergentes facilitadas pela agilidade tecnológica dos deslocamentos internacionais e por guerras e conflitos, cujo financiamento provoca o desmantelamento da infraestrutura, com destruição de serviços de saúde e saneamento, assim como do ambiente, afetando de forma contundente, a saúde de populações inteiras.

A produção da fome também se aprofunda como violência estrutural que marcou o século XX e tende à continuidade no século XXI, embora as tecnologias de produção de alimentos estejam em pleno desenvolvimento. As reformas setoriais pressionam que o dinheiro público siga as orientações internacionais voltadas para o lucro do mercado, resultando em mais iniquidades em saúde, quando a principal preocupação está voltada para os negócios lucrativos com a doença.

As análises atualizadas de Lima, Buss e Paes-Sousa (2020) evidenciam as consequências dessas condições, que, mais de dez anos depois, não apontaram avanços:

> Embora esperada, a chegada da pandemia à América Latina encontrou um continente enfraquecido pelo modesto crescimento econômico, quando comparado aos demais continentes; seu setor público (saúde, ciência e educação) debilitado pela redução dos investimentos em políticas públicas, como consequência das políticas de austeridade

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

> fiscal; com maior instabilidade política do que na década anterior; e enfraquecido em seus vínculos regionais pelo esgarçamento de estruturas como a UNASUL (União de Nações do Sul), o Mercosul (Mercado Comum do Sul), a OEA (Organização dos Estados Americanos) e a implementação tímida da CELAC (Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos). Uma justaposição de debilidades se apresenta em vários países da região, onde a escassez de recursos aliada aos conflitos nacionais é potencializada pelas fragilidades dos instrumentos de governança regional, que por sua vez já sofriam os efeitos do enfraquecimento dos instrumentos de governança global, incluindo a própria OMS (Organização Mundial da Saúde) (LIMA, BUSS e PAES-SOUSA, 2020, p.3)

Esse é o contexto em que nós, profissionais e educadores de museus, encontramos o público, que é parte de uma sociedade que luta por sobreviver, imersa em contradições: negação sistemática da gravidade do quadro pandêmico; dependente de tecnologias que só atendem à uma minoria da população; acuada pela cultura do medo; misticismo e desinformação produzidos quanto à processos de imunidade e cura.

No que se refere as possibilidades de ação e reação, assim como nossos antepassados, profissionais da saúde ligados à Reforma Sanitária, nós educadores do Museu da Vida nos aliamos aos esforços populares que, em seus movimentos e organizações, insistem na produção e reivindicação da saúde coletiva em torno de uma cultura viva. Nesse contexto tão desfavorável, uma cultura que produz saúde está necessariamente voltada para a divulgação científica legítima, que combate *fake news* e explicita a importância de se valorizar o SUS e seus profissionais nos mais diversos âmbitos: por meio das ações de vigilância sanitária; do fortalecimento das campanhas de vacinação; da participação nas redes populares de trocas de conhecimento, de comunicação e de educação para a saúde; valorizando a arte em suas mais diversas expressões, como promotora, não só do lazer necessário à saúde, mas também de debates e de união em torno de um projeto voltado para os interesses da nação brasileira em toda a sua diversidade.

Nesse sentido, encontramos muitos aliados nas escolas públicas, nas associações e fóruns de favelas e universidades que, entre tantos públicos parceiros buscam a Fiocruz como fonte de informação e de resistência. Relatamos a seguir como nos organizamos para passarmos de uma rotina de atividades de atendimento presencial voltada para um público anual que girava entre 50 e 100 mil visitantes, para a ocupação de espaços virtuais de comunicação integrando redes de ação, proteção e cuidados.

Desigualdades de acesso à internet: impactos para a divulgação e popularização de informações científicas

No contexto de emergência sanitária mundial, devido à pandemia de Covid-19, o acesso à internet e às mídias digitais destacaram-se como elementos importantes, vinculados à dimensão

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

de nossa prática social cotidiana. No entanto, cabe destacar as contradições que envolvem a utilização de tais tecnologias, sobretudo quando consideramos o processo histórico de territorialização das desigualdades sociais brasileiras. Alguns dados publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estática (IBGE) em 2019, ressaltam a disparidade de acesso à internet e do mesmo modo aos aparelhos eletrônicos de comunicação.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, (IBGE, 2019) apontou que no Brasil mais de 40 milhões de pessoas não tinham conexão à rede de internet, além de indicar que o celular se caracterizou nesse período, como o equipamento mais utilizado pela maioria da população, visto que somente em 40,6% dos domicílios constatou-se a existência de microcomputador. Outro aspecto relevante refere-se à discrepância de acesso à tecnologia da informação e comunicação entre os estudantes brasileiros, considerando que mais de 4,1 milhões de alunos da rede pública de ensino não utilizavam o serviço, ao passo que no setor privado apenas 174 mil discentes não tinham conexão à rede mundial de computadores. Importante salientarmos que a PNAD (IBGE, 2019) não considerou a qualidade do acesso. Neste sentido verificou-se que nas classes sociais mais baixas cerca de 85% das pessoas utilizavam a internet somente pelo celular, a partir de planos pré-pagos com taxas de conexões de dados limitadas, e em muitos casos com o compartilhamento de um único aparelho entre os membros de uma mesma família. Dessa forma, a qualidade do uso da internet no Brasil é na prática reduzida, tendo em vista as restrições de acesso à conexão fixa e estável e equipamentos eletrônicos de comunicação de maior suporte (computadores e notebooks). O Relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2021) apresenta dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) avaliando a situação da educação durante a pandemia —, em outubro de 2020, o percentual de estudantes de 6 a 17 anos que não frequentavam a escola no país estava em torno de 3,8% (1.380.891 milhão). A média nacional de 2019 era de 2%, segundo a Pnad Contínua. Somam-se a esses mais de 1,3 milhão, 4.125.429 milhões que afirmaram frequentar a escola, mas, sem acesso às atividades. Assim, as estimativas indicam que mais de 5,5 milhões de crianças e adolescentes tiveram o direito à educação negado no ano passado. As condições descritas até aqui se somam ao indiscutível retrocesso no campo da educação pública no Brasil, que partindo da Emenda Constitucional n. 95/2016, a qual congela por 20 anos o montante de investimentos em educação no país, e, praticamente, abandona o sistema educativo à sua própria sorte, fragilizando a formação de milhares de jovens brasileiros e sua possibilidade de se preparar para enfrentar as exigências do mercado de trabalho.

Tais informações são essenciais para pensarmos a conjuntura educacional brasileira e da mesma maneira as ações de divulgação e popularização da ciência promovidas por museus e centros de Ciências no contexto da pandemia de COVID-19, visto que nos anos de 2020 e 2021 as desigualdades de acesso à internet acentuaram-se ainda mais. Conforme dados divulgados pelo

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

Instituto de Defesa do Consumidor (IDEC), 47 milhões de brasileiros permanecem desconectados, sendo que 45 milhões (95%) estão localizados nas classes sociais C, D e E. O referido estudo indica ainda que a "precariedade do acesso fixo residencial à internet é um problema estrutural, atravessado por questões como os preços dos pacotes, a ausência de infraestrutura e a dificuldade na rede física" (IDEC, 2021:3).

De acordo com os estudos da PNAD (2019) e do IDEC (2021), percebemos que quando os dados de conexão são limitados, as redes sociais digitais tornam-se os principais canais de divulgação de notícias jornalísticas e informações cientificas, visto que nos pacotes fornecidos pelas operadoras de telecomunicações, o acesso a WhatsApp, Twitter, Facebook e Instagram não são totalmente afetados, diferentemente do que acontece no acesso aos demais domínios.

Desta forma, a desigualdade de acesso à rede de internet impacta na maneira como as informações chegam às pessoas, afetando também a qualidade dos elementos informativos que são difundidos. Tal fato demonstra a dialética existente neste processo, pois, as redes sociais digitais que estão expandidas no cotidiano da população, podem concomitantemente replicarem informações reais e verídicas ou oportunizarem a disseminação de informações incompletas ou falsas, conhecidas como "*fake news*". Quanto a este segundo aspecto, no Brasil, a divulgação de notícias falsas foi numerosa, afetando negativamente as medidas sanitárias de controle e prevenção da Covid-19.

Redes sociais e o Museu da Vida

Tendo em vista os diferentes impactos no referido cenário, e considerando a importância do acesso às informações científicas em um contexto de produção de inverdades promovidas pela circulação de "*fake news*" nas plataformas digitais, um questionamento tornou-se efetivo no desenvolvimento dos trabalhos realizados pelas equipes de profissionais do Museu da Vida da Fiocruz: quais estratégias poderiam ser adotadas para a facilitar o acesso da população as informações e atividades de divulgação e popularização da Ciência em meio à emergência sanitária de Covid-19?

Neste escopo, a utilização de redes sociais digitais Instagram, Facebook, YouTube e Twitter, Podcast e Whatsapp destacaram-se como um importante meio comunicacional para o contato com o nosso público, fortalecendo a nossa atuação junto à sociedade, auxiliando na construção de novas experiências educativas junto a diferentes públicos, incluindo aqueles que, devido ao distanciamento geográfico, não teriam a possibilidade de acessarem o Museu de forma presencial. Assim, o Setor Educativo durante os anos de 2020 e 2021 realizou suas atividades

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

remotamente junto a diferentes tipos de audiências, com destaque para: professores e estudantes da educação e básica e do ensino superior, pessoas com deficiência, bem como com o público interno, considerando bolsistas em formação e equipe de profissionais.

Fig. 4: exemplos de peças de divulgação: Podcast Papo de Vida relativo ao Dia Internacional da Juventude; Um biólogo responde: conversa com o público sobre dúvidas relativas à pandemia.

Fonte: Instagram do Museu da Vida http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/noticias/1751-podcast-papo-de-vida-debate-o-dia-internacional-da-juventude; http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/noticias/1461-um-biologo-responde-2-duvidas-de-visitantes

Como resultado, no facebook, destaque no mês de maio, o podcast "Papo de Vida" alcançou cerca de 1.178 pessoas, tendo 174 interagido com essa atividade, o que significa uma taxa de engajamento de 14, 77%. Destacamos que essas avaliações quantitativas são flutuantes segundo a popularidade dos temas abordados, o acesso às pessoas que discutem o tema, pode ser influenciados, por exemplo, pelo dia da semana e horário, ou mesmo pela conjuntura que reflete certos temas segundo a realidade local e global. Assim sendo, estamos aprendendo a ressignificar nossa atuação junto aos públicos, a partir da construção de novas formas de diálogo interno e externo. Nesse sentido, por exemplo, com o intuito de fortalecer a pesquisa e a educação trabalhamos em conjunto com o mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, convidando os recém-formados para participarem do programa de entrevistas "Conta Aí, Mestre", que, entre diversos temas de pesquisa, trabalhou o jornalismo, *fake news* e ciência. Esse programa, em especial, ficou no top 1 do Facebook e no top 3 do Twitter no mês de setembro.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

Em meio a tantos desafios e transformações, mantemos a questão: para nós, que temos uma reflexão espelhada em uma Política Educacional e uma visão de reponsabilidade sobre as construções educativo-culturais que propomos aos nossos públicos, como potencializar o referido diálogo por meio dessas mídias? Como exercitar a escuta para consolidar propostas de cunho e interesse popular? Buscando respostas para essas questões, observamos que as informações veiculadas pelo WhatsApp possuem um maior potencial de comunicação com as classes populares. Como resultado, produzimos materiais educativos também por esse meio. As diversas atividades produzidas e os temas abordados serão descritos com mais detalhes a seguir.

CONQUISTAS: NOVAS DIMENSÕES DE INTERAÇÃO ENTRE EQUIPES

Diante de todos os limites discutidos até aqui, consideramos que a pandemia e suas imposições nos alertaram para que buscássemos contornar, de todas as formas, o isolamento social, fazendo valer, embora com muitas dificuldades, o acesso e a criatividade no uso das tecnologias de informação e comunicação.

O trabalho com bolsistas de nível médio e superior

Os bolsistas de nível médio fazem parte do Programa de Iniciação à Produção Cultural (PROCULTURAL), voltado para jovens entre 16 e 19 anos, estudantes das escolas públicas localizadas nas proximidades de Manguinhos, bairro em que se situa o campus sede da Fiocruz. Toda a contextualização da realidade levantada até aqui aponta que a situação de COVID-19 associada às desigualdades sociais contribuiu para ampliar as dificuldades de acesso à educação por estudantes de escolas públicas, representados pela maioria dos jovens de bairros periféricos. É para esses jovens que o PROCULTURAL oferece um programa com atividades educativas variadas, como filmes, palestras, oficinas, debates, visitas a museus e centros culturais, visando a inserção dos jovens no mundo da promoção e produção de atividades culturais, com foco na ciência, saúde e diversidade. Nos dois anos de pandemia essas atividades foram realizadas no formato virtual. No ano de 2021 foi oferecido a esses bolsistas um importante apoio para que pudessem acessar de suas residências as atividades do programa: empréstimos de *notebooks* e a distribuição de pacotes de dados para garantir aos jovens internet de qualidade e o acesso aos aplicativos necessários para a interação nas plataformas digitais.

No que diz respeito a estudantes de nível superior realizamos a formação em modalidades de bolsas de estudos diversificadas cuja atribuição é participar dos processos de formação pedagógica, bem como do desenvolvimento de atividades para os diversos públicos, incluindo seu acolhimento e mediação nas exposições, em tempos de atividades presenciais. Participam jovens de cursos das diversas áreas de conhecimento, como: Ciências Biológicas, História,

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

Letras, Geografia, Pedagogia, Museologia, Matemática, Física, Química, Teatro, Educação Artística, entre outras. Esses jovens são preparados para atuar no campo da educação não formal, com foco no diálogo com os diferentes perfis de público, por meio da mediação, que envolvem desde a construção de atividades até o acompanhamento em visitas às diversas modalidades de exposições que o Museu da Vida oferece. Isso se dá por meio de programas que tem como metas contribuir para o fortalecimento da Política Institucional de Divulgação Científica e Popularização da Ciência, desenvolvendo ações e produtos fundamentados na reflexão crítica sobre os processos que envolvem os campos da educação, da cultura, da ciência e da promoção da saúde. (Plano Museológico Museu da Vida,2018, p. 19).

Os programas são planejados de forma a garantir formações diversificadas para os bolsistas compreendendo atividades como: reuniões de equipe, palestras, rodas de conversa, oficinas, dinâmicas de grupos, participação na criação e escrita de roteiros de atividades, atuação em peças de teatro entre outros. Na formação de bolsistas e profissionais abordamos temas relacionados às interseções entre saúde, ciência e cultura como por exemplo: divulgação científica/popularização da ciência e a necessidade de diálogos com a sociedade; a construção histórica da Fiocruz e o campo da saúde; público infantil em museus; o papel da mediação em museus; acessibilidade, diversidade étnico-racial, entre outros temas. A discussão crítica se dá por meio de encontros semanais que, com a pandemia, passaram a ser realizados *on line*, acrescentados de reuniões periódicas amplas que envolvem todos os trabalhadores do Setor Educativo do museu, nas quais buscamos planejar e provocar reflexões.
No período pandêmico (2020 – 2021), quando o Museu passou a ter suas atividades de formação realizadas de forma remota, buscamos dar continuidade ao programa, garantindo sua abordagem sociocultural, que propõe uma relação crítica constante entre as propostas de mediação humana e a observação das diferentes formas de ação do ser humano no mundo (FREIRE, 1987). Para isso o museu, por meio da Fundação Oswaldo Cruz, garantiu, durante o período de isolamento, a manutenção das bolsas para os estudantes, que prosseguiram em seu vínculo de formação, capacitando-se para experienciar a mediação de outras formas, para além da presencial, com a utilização de diferentes plataformas, aplicativos, entre outros. A mediação, nesse sentido, passou a ser um desafio e ao mesmo tempo uma oportunidade de aproximar o público do Museu da Vida, incentivando nossos mediadores a desenvolverem atividades com temas pertinentes e variados para nossas mídias e redes institucionais.

Acessibilidade: uma oportunidade de aprofundamento

A pandemia foi um período em que o Serviço de Educação do Museu da Vida teve a oportunidade de ter acesso à formação voltada para o desenvolvimento de ações educativas acessíveis para diversos perfis de público de pessoas com deficiência. Juntos temos organizado e produzido atividades inovadoras e significativas no campo da Educação Museal voltadas para

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

o uso de recursos de tecnologia assistiva. Entre essas incluímos as que abordam o tema da acessibilidade e inclusão promovendo a presença e o protagonismo de pessoas com deficiência.

Para isso a Seção de Formação do Setor Educativo MV promoveu um período de formação continuada para os mediadores por meio de um curso de Sensibilização em Acessibilidade Cultural, compreendendo 46 horas-aula no período de julho a agosto de 2021. É fato que a temática da acessibilidade ganha cada vez mais espaço no mundo e nas ações do Museu da Vida, por isso é necessário preparar a equipe para estar comprometida e compreender os conceitos básicos da acessibilidade, em todas as suas dimensões: atitudinal, comunicacional, instrumental e metodológica. É nessa perspectiva que Gomes e Reis (2021) esclarecem:

> Entendemos a busca pela acessibilidade como uma ação que pretende, num sentido mais amplo, superar as barreiras que tratam tanto dos aspectos físicos, de mobilidade e arquitetônicos, quanto dos aspectos intelectuais, informacionais e emocionais. É indispensável criar condições para que as pessoas com deficiência possam usufruir dos acervos dos museus e compreender as diversas narrativas neles expostas. (GOMES, REIS, 2021, p. 106)

Importante destacar que valorizamos a diversidade e o pluralismo de públicos que propiciam o exercício da cidadania cultural, enquanto expressão dos direitos culturais e humanos, pois a perspectiva inclusiva fortalece a riqueza de multiplicidades com a visibilidade de outras performances de grupos que compõem a sociedade. Compreender a acessibilidade como um processo transversal trouxe uma mudança de paradigma muito importante na organização dos processos de trabalho do MV com efeitos nas dimensões atitudinais, educativas, políticas e administrativas. O nosso planejamento estratégico passou a estabelecer, em articulação com o Comitê Fiocruz pela Acessibilidade e Inclusão das Pessoas com Deficiência, novos critérios que envolvem a concepção de exposições com narrativas, aparatos e expografia acessíveis, a contratação de consultoria especializada realizada por profissionais com deficiência e a implementação de recursos de tecnologia assistiva nas produções audiovisuais. Destacamos ainda, a troca de experiências com educadores de outros museus, oferta de Curso de Libras para as equipes, estágios realizados por estudantes com deficiência, eventos presenciais e virtuais, sempre com a presença de intérpretes de Libras, e a oportunidade de submissão em editais com captação de recursos externos que viabilizaram o desenvolvimento de diversas propostas. (REIS, GOMES, SOARES, 2021, p. 18)

Destacamos ainda a organização do webinário “Construindo pontes e quebrando barreiras”, que teve como objetivo apresentar experiências e vivências de pessoas com deficiência a partir dos temas de educação, ciência e arte, a fim de fortalecer ações em prol da equidade e diversidade, com o lançamento do livro “Educação Museal e Acessibilidade”. Foi dividido em dois turnos (manhã e tarde) com tradução simultânea em libras.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

(https://www.youtube.com/watch?v=mqr3MhSgM54; https://www.youtube.com/watch?v=d91EAnaKlxI)

A figura 5 ilustra um exemplo de divulgação de um de nossos encontros virtuais abordando o tema da diversidade.

Fig. 5: Peça de divulgação da *Live* Visibilidade LGBTQIA+: uma educação para a diversidade.

Fonte: Instagram do Museu da Vida –

https://www.youtube.com/watch?v=4NJJ42ZZDCw

Fig. 6: História em Libras: Oswaldo Cruz e seu Castelo

Fonte: https://www.youtube.com/user/museudavida/search?query=conta%C3%A7%C3%A3o%20de%20hist%C3%B3ria%20em%20libras

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

Fig. 7: Dicas Culturais da Mari: para pessoas surdas

Fonte: https://www.youtube.com/user/museudavida/search?query=conta%C3%A7%C3%A3o%20de%20hist%C3%B3ria%20em%20libras

Experiências com novas abordagens diante dos limites para eventos presenciais

Durante a pandemia trabalhamos também com a reformulação de eventos presenciais para a forma virtual. Entre esses podemos citar a Semana do Cérebro a Semana do Meio Ambiente, Semana de Museus e Semana do Patrimônio. Esses eventos tiveram suas versões presenciais transformadas em atividades remotas, com bastante sucesso.

Transformamos um espetáculo de teatro/ show de ciências em uma *webserie*: "Paracelso, o fenomenal", a qual foi destaque no período de lançamento nas redes sociais e continua disponível como material educativo *on line.* A experiência do isolamento social instigou os atores do Museu da Vida a buscarem a formação para produções de cinema. Assim, relançamos o espetáculo teatral "Conferência Sinistra", que se transformou em um curta metragem inspirado na charge de Raul Pederneiras, de 1904, onde a Varíola, a Peste Bubônica e a Febre Amarela são apresentadas no panorama da saúde daquela época. O filme, foi acompanhado de sugestões para atividades educativas sobre o tema das epidemias desse período histórico. A equipe de teatro do museu preparou ainda para 2022, o lançamento de uma minissérie filmada e editada em sete capítulos: "Invasores", uma aventura que trata do tema das vacinas considerando a linguagem e o universo dos jogos digitais.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

ReDoC Revista Docência e Cibercultura

Fig. 8: reunião de exemplos das diversas peças de divulgação das *lives* realizadas pelo Museu da vida no período da pandemia.

Fonte: Instagram e Youtube do Museu da Vida

Público Infantil:

O Grupo de Estudos e Ações Educativas para o Público Infantil / Geaepi, que há dezesseis anos vem elaborando e desenvolvendo materiais de cunho educativo e cultural para o público infantil, desenvolveu o projeto "Arte e Saúde para o público infantil". O projeto teve como objetivo contribuir para a ação de professores, educadores e pessoas interessadas no tema saúde e meio ambiente para o público infantil. Contou com o apoio financeiro da Secretaria Especial de Cultura do Rio de Janeiro – Lei de Incentivo à Cultura, viabilizando os produtos desenvolvidos.

Em ambos os anos da pandemia realizamos no Dia das crianças *lives* com convidados para falar do universo infantil. Além disso, foram lançados três livros. O primeiro deles refere-se ao grupo, "A caminhada do Geaepi", organizado pela educadora Bianca Reis e equipe, no qual apresenta na primeira parte o enfoque histórico algumas iniciativas de museus europeus com espaços ou atividades direcionadas às crianças. A segunda parte traz um breve histórico das ações do Geaepi no período de 2005 a 2017 e, por fim, a terceira parte apresenta as atividades desenvolvidas pelo grupo. Os dois outros livros referem-se ao projeto "Arte e Saúde

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

para o público infantil", organizado pela mesma equipe, sendo que o primeiro volume, apresenta um conjunto de jogos e as orientações para jogabilidade. São eles: Jogo de cartas "Time da Saúde"; Jogo de montagem "Árvore da Saúde", Tapete "Vamos escovar os dentes" com o folder "A saúde começa pela boca" que o complementa. O segundo volume traz sugestões de atividades para serem realizadas nas escolas sobre a temática saúde e meio ambiente como orientação para educadoras e educadores. As redes sociais oferecem facilidades para se disponibilizar conteúdos, agilizando o processo de publicação, fazendo com que as informações cheguem mais rápido ao público, possibilitando um acesso mais global. (PRINCIPE, 2013).

Semana Nacional de Ciência e Tecnologia: oportunidade de diálogos virtuais com todos os públicos

Um dos eventos mais importantes que faz parte do calendário da Fiocruz, coordenado pelo MV é a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT), que tem por objetivo "mobilizar a sociedade, incluindo escolas e organizações civis que atuam em parceria com a Fiocruz e fortalecer o compromisso com a promoção em saúde, preservação do ambiente e defesa da ciência para o desenvolvimento do país." (https://snct.fiocruz.br/). No ano de 2021, o evento foi realizado de forma totalmente virtual, e teve como tema "A transversalidade da ciência, tecnologia e inovações para o planeta". A partir desta temática o Serviço de Educação do Museu da Vida incentivou os bolsistas e educadores a desenvolverem atividades de forma colaborativa, interativa, lúdica e participativa para o evento, o que resultou em ofertas ao público de diversas atividades pelo canal do YouTube da Fiocruz. Dentro da programação da SNCT tivemos atividades realizadas ao vivo (painel temático, bate-papo com pesquisadores e oficinas) e atividades gravadas em vídeos compreendendo as categorias: Portas Abertas, Programação Infantojuvenil, Atividades Interativas e Intervenções Artísticas, com uma ampla variedade de abordagens.

Fig. 9: Peça de divulgação da *Live* "Aprendendo com o Museu da Vida: Borboletas e Origami.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

ReDoC Revista Docência e Cibercultura

Fonte: Instagram. Esta atividade não ficou gravada no YouTube.

Vale ressaltar que todas as produções para a SNCT foram acrescidas de tecnologias assistivas.

As ações educativas e culturais realizadas virtualmente com o protagonismo dos bolsistas e mediadores do Museu da Vida na SNCT/21, possibilitaram uma ampla divulgação de temas sobre ciência, saúde, arte, meio ambiente, tecnologia, entre outras. Assim, aproximamos os seguidores do MV de nossa ação como divulgadores, pois, ao compartilharem nossas atividades por meio de suas diversas redes, propiciam uma divulgação ampliada de nossas atividades virtuais, conquistando novos públicos.

Trabalhando com Professores e público universitário

O Encontro de Professores, que tem como objetivo apresentar o Museu da Vida e seu enfoque pedagógico, desde o ano 2000, foi realizado de maneira presencial. Durante a pandemia, entretanto, fizemos adaptações para que ocorresse virtualmente. Nesse período contamos com a participação de professores e alunos de graduação e licenciatura dos cursos de biologia da Universidade Federal Fluminense/ UFF; com estudantes de pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ; e estudantes do curso de educação física da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO.

Outra iniciativa realizada pelos mediadores do MV juntamente com professores das escolas de Manguinhos, no contexto do projeto “Pesquisa Científica e Tecnológica para Inovação em Educação e Comunicação para prevenção da Zika e doenças correlatas nos territórios", foi a elaboração de materiais de divulgação sobre a temática arboviroses a serem compartilhados por *whatsapp*. Esse aplicativo foi uma ferramenta para a realização de ações de divulgação científica sobre o tema das arboviroses durante o período da pandemia junto ao território de Manguinhos. O compartilhamento dos conteúdos foi realizado pelos parceiros do projeto, entre eles: professores e alunos das escolas estaduais do Território de Manguinhos (Colégio Estadual Clóvis Monteiro e Colégio Estadual Compositor Luis Carlos da Vila), gestores culturais (Casa Viva/Rede CCAP), gestor do Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria/ ENSP.

A equipe decidiu pela utilização desse aplicativo por permitir o envio de mensagens de texto, voz, fotos e arquivos, por ser gratuito e alcançar um grande número de pessoas em curto tempo

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

e, nesse sentido, foi identificado como importante e favorável veículo para democratizar a ciência e ampliar a divulgação e popularização de temas de caráter científico e de saúde. Autores como Vicente, Corrêa e Sena (2020) afirmam que o *Whatsapp* consegue promover um tipo de relação direta com seus usuários, o que o torna um ambiente atrativo e dinâmico para a divulgação científica. Criar um diálogo nesse ambiente amplia a interação usuários do ambiente virtual em torno de conteúdos informativos. Para nós, divulgadores de conteúdos científicos, é importante perceber a potencialidade deste aplicativo promovendo seu uso com mais frequência como forma de aproximação entre o mundo real e o mundo virtual. Os participantes, ao utilizarem suas redes de *Whatsapp* como espaço de popularização da ciência, entendem que estão diante de um grande potencial de engajamento trazido por este aplicativo, pois o material nele postado ganha visibilidade rapidamente quando compartilhado entre os indivíduos e seus grupos. No ano de 2020 a equipe desse projeto desenvolveu seis cards com a temática de arboviroses e no ano de 2021 desenvolveram mais catorze com a inclusão de outra temática, a COVID -19, por ser uma doença que acometeu o mundo.

Além dos professores, para a realização desse trabalho contamos com a parceria de profissionais da saúde, da educação, lideranças de movimentos sociais que atuam no território de Manguinhos, bem como da equipe de pesquisa do Museu da Vida.

Fig. 10: imagem de ***c****ards* da série o *Aedes* não faz quarentena, disseminados por *whatzapp*

Fonte: rede whatsapp e redes Museu da Vida (http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/noticias/1785-arboviroses-em-foco-whatsapp-na-popularizacao-da-ciencia-em-tempos-de-pandemia (13/10/21))

Ações Territorializadas: colaboração emancipatória com territórios vulnerabilizados

O Museu da Vida da Fiocruz, desde a sua criação (1999), busca democratizar o acesso à educação em ciência, promovendo ações que fortaleçam o protagonismo do público de favelas e periferias que integram a região metropolitana do Rio de Janeiro. Neste contexto, no ano de 2015 oficializamos a criação da linha de trabalho das Ações Territorializadas (A.T.), que, de acordo com o nosso Plano Museológico consiste em:

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

> [...]todas as atividades, oficinas, atuações em geral de divulgação da Ciência realizadas pela equipe do M.V. dirigidas à população do território no qual a Fiocruz está inserida e demais populações de territórios de favelas ou socialmente vulnerabilizados da cidade do Rio de Janeiro e Região metropolitana, realizadas fora do campus, integralmente ou parcialmente. (Museu da Vida, 2017, p. 37).

As atividades implementadas pela referida linha de trabalho abrangem os seguintes enfoques: 1) Ações educativas, que englobam a mediação de exposições e oficinas educativas itinerantes em territórios urbanos socialmente vulnerabilizados e a organização e desenvolvimento do processo formativo da equipe de mediadores e de instituições parceiras; 2) organização e agendamento do projeto Expresso da Ciência, garantindo transporte para a visitação dos grupos dos territórios; 3) fortalecimento de parcerias interinstitucionais e com atores e instituições públicas e não governamentais dos territórios em que atuamos; 4) produção e desenvolvimento de eventos correlatos as temáticas de participação e inclusão social em Museus.

Nas ações educativas desenvolvidas pelas A.T. temos a itinerância da exposição Manguinhos Território em transe, que ocorre em conjunto com oficinas educativas construídas em colaboração com professores de escolas públicas parceiras. Entre os anos de 2012-2015 a referida mostra circulou pelas favelas de Manguinhos e Maré. A partir de 2016 a abrangência territorial de tais ações passa a alcançar os municípios periféricos da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, tendo sido estabelecidas parcerias com movimentos sociais, coletivos culturais, aparelhos de saúde e escolas públicas, abrangendo, até aqui, cerca de dezessete mil visitantes.

O adensamento do trabalho realizado pelas Ações Territorializadas possibilitou a ampliação e o fortalecimento de colaborações interinstitucionais com diferentes setores da Fiocruz e com atores públicos e coletivos sociais e culturais dos territórios de Manguinhos e Maré. Este processo resultou na realização de dois encontros que debateram a dimensão de ações cooperativas em curadoria de exposições museológicas, ocorrendo respectivamente nos anos de 2016 e 2019. Participaram das duas edições, profissionais do Museu da Vida, moradores e ativistas sociais dos territórios de Maré, Manguinhos, Complexo do Alemão, Complexo da Penha, representantes do Museu da Maré, da Casa Viva -Rede CCAP Manguinhos e do Museu das Remoções da Vila Autódromo, além de estudantes de museologia e trabalhadores de diferentes museus do Rio de Janeiro. Os encontros de Curadoria com Participação Social promoveram um diálogo em torno da importância da participação da favela e da periferia nas diferentes etapas de construção de exposições, englobando, além de palestras e apresentações artísticas, o desenvolvimento de grupos de trabalhos que coletivamente discutiram questões referentes a: ações educativas em exposições participativas; comunicação e metodologias participativas para a escolha de temas para exposições; criação de exposições com participação social: desafios e problemas; iniciativas culturais, participação social e garantia de direitos e mobilização em ações culturais com intuito de construir e agir.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

No período da pandemia, a partir de março de 2020 foi estruturado um grupo de trabalho para a concepção do processo de atualização da exposição Manguinhos Território em Transe, composto por bolsistas graduandos(a) e graduados, majoritariamente negros e negras, que residiam em territórios de favela e periferia e desenvolviam pesquisas correlatas ao âmbito de estudo das Ciências Humanas. Assim, foi construído um grupo multidisciplinar, abrangendo as áreas de História, Geografia e Ciências Sociais. Ao pensarmos a atualização dessa exposição, estabelecemos um intenso processo de reflexão acerca de questões, tanto materiais quanto subjetivas, que perpassam diretamente a vivência da equipe envolvida. Todo o processo foi desenvolvido em meio a emergência sanitária da Covid-19. Para tal, utilizamos as plataformas do Google Meet e *Whatsapp* para conversação e agendamentos de nossas reuniões no formato *on line*. Desta forma, a utilização de tecnologias de comunicação e informação foram cruciais para as etapas de pesquisa, análise, construção de novos conteúdos e expografia.

Destacamos que as reflexões produzidas pelo grupo de trabalho que construiu o projeto de atualização da exposição Manguinhos Território em Transe apontam para a necessidade de se pensar em estratégias e alternativas que garantam efetivamente a participação social dos moradores de favelas e periferias nos processos de concepção, elaboração e execução de exposições. Principalmente quando tais exposições abordam temáticas e questões que são inerentes (categórica e subjetivamente) a tais territórios urbanos socialmente vulnerabilizados. Pensar em um legado efetivo não só para as instituições museais, mas também para a favela e a periferia é um movimento necessário para avançarmos nas ações concernentes à curadoria participativa em exposições de Museus institucionais.

Fig. 11 – 2º Encontro de Curadoria com Participação Social, em 2019.

Fonte: Fotografia de Maria Buzanovsky

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

Por conseguinte, durante a pandemia, em conjunto com instituições e coletivos sociais de Maré e Manguinhos, participamos da organização e realização de dois eventos, sendo estes: a Terceira Conferência Livre de Saúde de Manguinhos e a Jornada Cientifica do Fórum Favela Universidade.

A Conferência, foi uma iniciativa do Conselho Gestor Intersetorial de Manguinhos, do qual o Museu da Vida participa como apoiador nas diversas frentes de lutas pela saúde nesse território em sua perspectiva ampla. Os temas da Conferência partiram de uma enquete com os moradores e trabalhadores da região perguntando "Qual é o problema que mais afeta hoje a vida e a saúde em Manguinhos?" A enquete foi conduzida online, em locais de distribuição de cestas básicas e também foram passadas urnas nas unidades de saúde, Igreja e Academia de Ginástica de Manguinhos. As respostas elegeram como principais problemas: o desemprego, o saneamento básico, as violências e a precarização dos serviços de saúde. A Conferência, realizada em julho de 2021 gerou a "Carta Manguinhos pela vida", que pode ser acessada aqui: Carta Manguinhos pela Vida 2021.pdf - Google Drive.

O Fórum Favela Universidade (FFU)[6], coletivo constituído em 2018, promove mensalmente encontros com estudantes universitários, pesquisadores e alunos de pré-vestibulares comunitários que residem em territórios de favela e periferia. De acordo com Fazzioni (2020):

> "Os encontros do fórum propiciam a partilha de saberes para tratar sobre a produção acadêmica da e sobre a favela; a importância do conhecimento construído por universitários de favelas na realidade de suas comunidades; o impacto das barreiras educacionais, burocráticas e de discriminação racial na saúde mental desses estudantes". (FAZZIONI, 2020, p.1)

Atualmente, foram realizadas vinte e uma edições do Fórum. Em decorrência da emergência sanitária da pandemia de COVID-19, os encontros foram remanejados para o formato online. Em novembro de 2021, foi empreendida com a coordenação do Museu da Vida, entre outras

[6] **Composição do Fórum Favela Universidade:** Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM); Museu da Maré(CEASM); Rede de Empreendimentos Sociais para o Desenvolvimento Socialmente Justo, Democrático e Sustentável (REDECCAP); Casa Viva (REDECCAP) e Fiocruz, representada por diversas unidades e departamentos: Coordenação de Cooperação Social (Presidência FIOCRUZ); Museu da Vida (Casa de Oswaldo Cruz); Cooperação Social do Instituto Oswaldo Cruz (IOC); Responsabilidade Socioambiental de Bio-Manguinhos (Somar/Bio-Manguinhos); Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnologia em Saúde (ICICT); Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP)

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

instâncias, na modalidade virtual, a primeira "Jornada Científica Favelades Universitáries", que contou com cerca de 820 inscritos e 53 submissões de trabalhos por estudantes universitários moradores de favelas. Estes participaram dos simpósios temáticos, das rodas de conversa, das oficinas e minicursos e apresentações culturais do referido evento. O Instagram foi a mídia social utilizada para a divulgação das atividades construídas pelo FFU[7].

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao traçar reflexões sobre a busca de adaptações necessárias de um museu do campo da saúde às demandas de um tempo que se caracterizou por uma pandemia, sentimos cada vez mais a coerência das orientações da Mesa de Santiago do Chile (1972), que esse ano comemora seus 50 anos, e que apontou a importância fundamental do papel educativo dos museus no sentido de discutir com a comunidade seus aspetos técnicos, sociais, econômicos e políticos para a solução de nossos problemas. Certamente não tivemos apenas sucessos, pois o enfrentamento aos desafios das tecnologias, do isolamento e dos problemas políticos de nosso país, também gerou insegurança, depressão e adoecimento, sendo que algumas pessoas apontaram problemas como o excesso de trabalho. O mais importante, porém, foi que, por meio de redes de apoio técnico associadas às redes de afetos, vimos nossa confiança renovada diante desses desafios. Assim, reacendemos a esperança de que por meio da cultura voltada para a promoção da saúde possamos construir caminhos para que nossos filhos e netos venham a desfrutar de um mundo mais justo e pleno de acesso aos direitos universais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 21.out.2021.

BRASIL. **Lei 8080 de 19 de setembro de 1990.** Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm, e o Decreto 7508/11, de 28 de junho de 2011 que dispõe sobre a organização do SUS. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/D7508.htm> Acesso em: 21.out.2021.

BRASIL. **Lei federal Nº 12.965 de 23 de abril de 2014**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm>Acesso em: 21. out. 2021.

7 Para mais detalhes acessar o endereço eletrônico: https://instagram.com/forumfavelauniversidade?utm_medium=copy_link

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

BRASIL. **Proposta de Emenda à Constituição n° 8**, de 2020. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141096>Acesso em: 21. out. 2021.

BONATTO, M. P. de O. **A criação dos Centros Interativos de Ciência e Tecnologia e as Políticas Públicas no Brasil**: uma contribuição para o campo das ciências da vida e da saúde. 2012. 510 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2012.

BUSS HEIDMANN, I. T. S.; PUNTEL DE ALMEIDA, M. C.; EGGERT, B. A.; MIRANDA W. A.; M., M. Promoção à saúde: trajetória histórica de suas concepções. **Texto & Contexto Enfermagem** [en linea]. 2006, 15(2), 352-358. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71415221> Acesso em: 21. out. 2021.

BUSS, P. M. Globalização, pobreza e saúde. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2007, v. 12, n. 6, pp. 1575-1589. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000600019>. Acesso em: 21. out. 2021.

CASA DE OSWALDO CRUZ. **Arquivos nada secretos da saúde no Brasil**. Casa de Oswaldo Cruz; Ilustrações de Barbara Mello. – Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, 2014.56p. ISBN 978-85-85239-94-7

CHESNAIS, F. (Org.). **A finança mundializada**: raízes sociais e políticas, configuração, consequências. Tradução de Rosa Maria Marques e Paulo Nakatani. São Paulo: Boitempo, 2005.

PELEGRINI FILHO, A. A saúde e seus determinantes sociais. *In:* **Physis** 17 (1) • Abr 2007. Disponível em:< https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000100006> Acesso em: 21. out. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GOMES, H.; REIS, B. Desafio, limites, engajamento e possibilidades na elaboração das ações educativas acessíveis. IN: **Acessibilidade em museus e centros de ciências**: experiências, estudos e desafios. Jessica Norberto Rocha (org.). Rio de Janeiro: Fundação Cecierj/Grupo Museus e Centros de Ciências Acessíveis (MCCAC), 2021. Disponível em: < https://grupomccac.org/wp-content/uploads/2021/03/LivroAcessibilidadeEmMuseusDeCiencias_v2021-03-30b.pdf> Acesso em: 29.out.2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTÁTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios,** 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf> Acesso em: outubro de 2021

IDEC - INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR. **Desafios para a universalização da internet no Brasil, 2021**. Disponível em: <https://idec.org.br/arquivos/pesquisas-acesso-internet/idec_pesquisa-acesso-internet_acesso-fixo-a-internet.pdf> Acesso em: 29. out. 2021.

LALONDE, M. *A New Perspective on the Health of Canadians (the Lalonde Report)*. Ottawa, Ontario: Minister of Supply and Services. 1974. Disponível em: < https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/registro/A_new_perspective_on_the_health_of_canadians__a_working_document/59> Acesso em: 29.out.2021

LIMA, N. T.; BUSS, P. M.; PAES-SOUSA, R. **A pandemia de COVID-19**: uma crise sanitária e humanitária. *In:* Cad. Saúde Pública 2020; 36(7):00177020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00177020> Acesso em: 17.out.2021.

MARTINS, A. S. **A direita para o social**: a educação para a sociabilidade no Brasil contemporâneo. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

MUSEU DA VIDA. **Plano Museológico Museu da Vida (2017 – 2021)**. Casa de Oswaldo Cruz: Museu da Vida. 2017. Disponível em: < http://www.museudavida.fiocruz.br/images/educacao/planomuseologico_maio_museudavida_2018.pdf>. Acesso em: 01.nov.2021.

PAIVA, C. H. A.; TEIXEIRA, L. A. Reforma sanitária e a criação do Sistema Único de Saúde: notas sobre contextos e autores. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.21, n.1, jan.-mar. 2014, p.15-35.

PRÍNCIPE, E. Comunicação científica e redes sociais. In: ALBAGLI, S. (Org). **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília: IBICT, 2013.

REIS, B.; GOMES, H.; S., O. **Educação museal e acessibilidade** [recurso eletrônico] / Rio de Janeiro: Fiocruz - COC, 2021. Disponível em: < http://www.museudavida.fiocruz.br/ebook/educacao-museal-e-acessibilidade.pdf> Acesso em: 05.nov.2021.

REIS, B.; MOURÃO, C. E.; GOMES, H.; SALES, L.; AGUIAR, S. **A caminhada do GEAEPI no Museu da Vida** [recurso eletrônico] / Organizadoras: REIS, B. … [et al.]; Ilustrações Izabela Menezes. Rio de Janeiro: Fiocruz - COC, 2020. Disponível em: < http://www.museudavida.fiocruz.br/ebook/educacao-museal-e-acessibilidade.pdf> Acesso em: 05.nov.2021.

REIS, B.; MOURÃO, C. E.; GOMES, H.; SALES, L.; AGUIAR, S. **Arte & saúde para público infantil** [recurso eletrônico] / Organizadoras: REIS, B. … [et al.]; Ilustrações: Izabela Menezes. -- Rio de Janeiro: Fiocruz - COC, 2020. n. 1. Disponível em: < http://www.museudavida.fiocruz.br/ebook/educacao-museal-e-acessibilidade.pdf> Acesso em: 05.nov.2021.

REIS, B.; MOURÃO, C. E.; GOMES, H.; SALES, L.; AGUIAR, S. **Arte & saúde para público infantil 2** [recurso eletrônico] / Organizadoras: REIS, B. … [et al.]; Ilustrações: Izabela Menezes. -- Rio de Janeiro: Fiocruz - COC, 2020. n. 2. Disponível em: < http://www.museudavida.fiocruz.br/ebook/educacao-museal-e-acessibilidade.pdf> Acesso em: 05.nov.2021.

SANTOS, G. N.; REIS, B.; GOMES, H. Tem conversa no Museu: um Podcast como estratégia de comunicação. IN: **II Simpósio Virtual do Museu Regional de São João Del Rei: Educação Museal no Panorama Atual.** Disponível em:< https://museuregionaldesaojoaodelrei.museus.gov.br/abertas-as-inscricoes-para-o-ii-simposio-virtual-do-museu-regional-de-sao-joao-del-rei/>. Acesso em: 29.out.2021.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão. 7**. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SANTOS, R. C. N. dos. **O Grupo De Estudos Médicos e o Movimento de Renovação Médica - Reme em Minas Gerais.** 2004. Dissertação. Faculdade de Medicina Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SEIBEL-MACHADO, M. I. **O papel do setor educativo nos museus: análise da literatura (1987 a 2006) e a experiência do museu da vida**. 2009. 250 f. Tese (Doutorado em Ensino e História das Ciências da Terra) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

UNICEF. Cenário da Exclusão Escolar no Brasil - **Um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação**. Abril, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf >Acesso em: 21. out.2021.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.64441

ReDoC Revista Docência e Cibercultura

VICENTE, N.I.; CORRÊA, E.C.D.; SENA, T. **A divulgação científica em redes sociais na internet: proposta de metodologia de análise netnográfica**. Disponível em: < http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/2853/116>. Acesso em: 01. out.2021.

Agradecimentos

Agradecemos à toda a equipe do Museu da Vida, em especial aos trabalhadores e trabalhadoras do Serviço de Educação, que tornaram possível essa reflexão.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.